

10-04-2023

As mulheres e as lutas por transformações no Brasil

Lucineia Miranda de Freitas

[Militante do Movimento sem Terra - MST]

*Nada causa mais horror à ordem,
do que mulheres que sonham e lutam!*

José Martí

O avanço do neofascismo coloca a necessidade do debate para que, além da emancipação política, de estreitos vínculos com direitos pontuais, possamos também avançar na construção da emancipação humana (Marx, 2009), colocando na pauta da luta a exploração de classe e as diversas formas de opressão e dominação a que as sociedades desiguais estão sujeitas. Se pensarmos a partir do nosso processo histórico é essencial considerarmos que essa construção da emancipação humana passa necessariamente pelo enfrentamento ao patriarcado e ao racismo, e por trazer luz aos sujeitos que construíram processos de lutas e resistências. Daí a importância de olhar nossa formação social e visibilizar as diferentes frentes de construção dessas lutas na ação direta e na consolidação das condições objetivas e subjetivas para realizá-las. Em todas as redes de articulação e proteção, desde o cultivo até a preparação dos alimentos, as mulheres sempre desempenharam papel central.

As mulheres estiveram à frente não apenas das lutas consideradas pauta de mulheres, mas atuaram nos diferentes processos das lutas políticas, econômicas, sociais em cada momento histórico.

Destaca-se que muitas delas teorizaram sobre os problemas enfrentados em cada frente. Dessa forma, pensar a participação das mulheres nas lutas e resistência, é repensar a própria historiografia do feminismo, pois as lutas e resistências indígenas e negras foram parte fundamental das lutas posteriores, sindicais, socialistas, feministas, etc. Para lutar para 'ter' - ter direitos - é preciso antes 'ser' - ser humanos, ser cidadã, ser livre dos grilhões da escravidão e da servidão. Assim, é premente resgatar a contribuição das mulheres indígenas nas suas diferentes batalhas contra a expropriação de seus territórios e o genocídio. Trazemos como exemplo **Clara Camarões**, indígena Potiguar que liderou a resistência contra holandeses, em Pernambuco (Oliveira, 2023), sabendo que de cada luta temos outros exemplos. Dentre as milhares de mulheres negras citamos: **Aqualtune** e **Dandara** (Quilombo dos Palmares/AL), **Tereza de Benguela** (Quilombo do Quaritere/MT), **Lauriana Maria** (Cabanagem/PA), **Luiza Mahin** (Revolta dos Malês/BA), **Ana Floriana**, **Maria Emília**, **Joaquina Maria** (Revolta do Quebra Quilo/PB) (Batista, 2021). Quando no século XX as lutas feministas, principalmente pelo direito ao voto, começaram a ter repercussão no Brasil, as mulheres já estavam envolvidas em distintas experiências: construção de comunas anarquistas, no chão de fábrica com pautas de redução da jornada de trabalho,

direito à creche e licença maternidade. Destaca-se nesse período a importância no debate da educação, educação livre, desvinculada da institucionalidade que ajudasse as mulheres trabalhadoras a questionar a exploração vivenciada, mulheres que se colocaram em diversas frentes. Na construção da revolução anarquista, dos sindicatos e dos partidos, podemos citar: **Maria Lacerda Moura**, **Maria Angelina Soares**, **Izabel Cerruti**, **Laura Brandão**, **Anita Gouveia** e tantas outras (Batista, 2021). Como militante de uma organização camponesa percebo a necessidade de fazer um olhar sobre esse território de maior invisibilidade dessas lutas.

O próprio espaço camponês é historicamente um espaço negado no Brasil. Negado também porque as mulheres camponesas (assim como as indígenas) tiveram mais dificuldade em registrar suas lutas, já que a escolarização foi um direito negado por mais tempo nesse território (ainda hoje há persistência de analfabetismo no campo com maior impacto sobre as mulheres). Ainda assim, é possível destacar algumas companheiras que contribuíram na luta e resistência camponesa como **Santa Dica** (Sertões Goianos), **Elizabete Teixeira** e **Alexina Crespo** (Ligas Camponesas), **Dirce Machado** (Trombas e Formosos/GO) e **Maria Olímpia** (Porecatu/PR).

No processo de abertura democrática no Brasil na década de 1980 as mulheres tiveram papel central no enfrentamento à ditadura nas lutas das periferias e nas lutas camponesas. Nas periferias, pautaram a carestia, a fome, a falta de creche, saneamento, estrada, saúde, escola. Organizando coletivos e grupos para ação, fizeram mobilizações que, junto com as pautas específicas, reivindicavam o fim da ditadura e negociaram com o Estado. Assumindo esse protagonismo da luta, questionavam o local histórico que lhes foi destinado. Nesse período, também as mulheres negras assumiram a centralidade da denúncia do racismo e do patriarcado, resgatando suas raízes históricas de resistência às violências em suas diversas expressões. Organizando-se no movimento de Mulheres e na construção do movimento negro em geral, como o Movimento Negro Unificado, temos o protagonismo de **Lélia Gonzales**.

No campo, estavam nas grandes ocupações de terras que questionavam a não realização da reforma agrária proposta no Estatuto da Terra. Questionavam também sua condição de não trabalhadora, não cidadã, exigindo o direito à sindicalização - que era negado às mulheres camponesas - possibilitando o acesso a direitos trabalhistas e previdenciários, além do direito à terra.

Nesse período da abertura, ocorrem a organização das articulações de mulheres e dos coletivos de mulheres nos movimentos mistos, como: Articulação das Mulheres Trabalhadoras Rurais da Região Sul, Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste, grupos de mulheres do Movimento Sem Terra e diversas outras articulações estaduais e municipais. Essas construções formam a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que buscou mecanismos de incidir no debate constituinte de 1988, entendendo que o reconhecimento político das mulheres pelo Estado e pelos Sindicatos era essencial para avançar nas demais pautas.

Assim garantiram que as pautas das mulheres trabalhadoras rurais e camponesas fossem contempladas na Carta Constitucional ([Aguiar, 2016](#)). Nesse debate destaca-se a atuação de **Margarida Maria Alves** (presidenta do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande/PB) que, além de enfrentar os usineiros no debate do direito trabalhista e do direito à terra, construiu diversas experiências de educação popular principalmente na alfabetização das mulheres (MST, 2021). No período mais recente, as mulheres do campo, das águas e das florestas têm construído resistência ao avanço do capital

do **agro-hidro-minero-negócio**. Nesse processo, o reconhecimento de sua luta dentro do feminismo, construindo na prática e na teoria o Feminismo Camponês Popular, traz a necessidade de reconhecermos em nossas lutas o imbricamento entre o capitalismo, o racismo e o patriarcado. Nessa luta, nos reivindicamos herdeiras desse caldo histórico forjado na violência dos opressores e na luta e resistência contra essa opressão. É nesse caldo que as mulheres Sem Terra resgatam o caráter revolucionário de março e se colocam nas diversas trincheiras de enfrentamentos.

**O Agronegócio Lucra com a fome e a violência.
Por Terra e Democracia, Mulheres em resistência!**

■ ■ ■

Referências

- Aguiar VVP. Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v.15, ed. esp., p.261-95. 2016.
- Batista ÂF. A mulher na história das lutas socialistas no Brasil. *Revista História & Luta de Classes – Dossiê História e Gênero*, Ano 17, n.32, p.41-55, set. 2021.
- Marx K. *Para a questão judaica*, São Paulo, Expressão Popular, 2009.
- MST – Setor de Gênero, Margarida Alves, *Coleção Mulheres em Rebeldia*, 2021.
- Oliveira D. *O protagonismo das mulheres nas lutas*. 2023. [mimeo]

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*